

POÉTICA E METAFÍSICA EM «O DELFIM»

de José Cardoso Pires (2)

Deixemos o narrador entregue aos belos devaneios da sua «âme de la brousse», e aos sobressaltos do seu «lado crítico», enquanto vai escutando a «oratória das espécies», para seguirmos os lances da sua história de «amor e de castigos».

Nesta altura tenho de confessar que, como caçadora, me sinto inebriada pelo cheiro a pólvora que vem da lagoa, embora não deseje que, quer o Autor, quer o narrador, acabem por me considerar uma caçadora-pirata que se apodera das peças que o primeiro abateu, ou uma falsa ingénua que dispara sobre a caça que vem já atingida pelo segundo. Procurarei ser uma modesta «atiradora das margens, cautelosa e de pontaria meditada».

O que me interessa agora é esboçar uma psicologia da

pensão; e ainda por certas frases, com aspecto de apóstrofes, que tomam o tom paroxístico dos gritos humanos expressivos de fatalidades supremas, como é, por exemplo, aquele grito do engenheiro, depois que vem à tona o cadáver da mulher: «Enterrem-me essa cabral!»

É em direcção à lagoa, dentro dela, à volta dela, por cima dela e acima dela que se agitam todos esses espectros da corte animal que acompanha o *homo-delphinus*, todos esses cães, essas garças-mulheres, pegadas-ladras e peixes santificados; e o seu impulso profundo é descansarem no fundo lamacento da lagoa, que é o ponto fixo, o pólo

das voltas do «ouro fio» (1) com que o Autor tece «eclecticamente» (2) a filigrana do bem e do mal, da «physis» e da «psique» que conformam o mundo dos homens, das mulheres, dos animais e das águas jazentes.

... ..

Apesar da espécie de exorcismo praticado pelo narrador contra o «doutor Freud», parece-me indubitável que uma das mais nítidas valências da lagoa, neste romance, é precisamente o desejo de «regresso ao líquido amniótico», ou seja, à protecção e acolchoamento do ventre materno, isto é, o desejo, o anseio, quase a pulsão de um afundamento na dormição do Inconsciente.

A lagoa torna-se assim um símbolo de morte e aniquilamento onde os protagonistas da história põem fim aos seus dilemas. Nas suas águas se suicida Maria das Mercês, a protagonista feminina, e nelas deseja também ter a sua morada, o Engenheiro, o do «sonho das campas submersas».

A lagoa não é, portanto, apenas um fulcro de desportos venatórios ou piscatórios, nem unicamente um objecto de problemas económico-sociais. É também e principalmente um símbolo onírico e possui significados múltiplos dentro desta imagética, que me parecem ser, em resumo:

— Como massa da água jazente é, como diria Gaston Bachelard, «matéria de desespero»; por conseguinte é um lugar de expiação e purificação pelo auto-aniquilamento dos culpados; logo, igualmente, um local de esquecimento, de afundamento no Inconsciente; como imagem do ventre

(Continua na pág. 6)

Por NATÁLIA NUNES

imaginação do Autor-ele mesmo, pôr em evidência os elementos que compõem aquilo a que Gaston Bachelard chama a «imaginação material», em oposição à «imaginação formal» ou de cultura.

Como não tenho conta aberta nos Bancos da psicanálise, sinto-me de consciência limpa para pedir pequenos empréstimos a Freud e a Jung, a fim de poder falar depois mais livremente — da poética, e talvez de uma metafísica a extrair de toda a simbólica e de todas as vivências do Imaginário exibidas em «O Delfim». Para isso, é necessário separarmos, na trama urdida pelo narrador, os fios de sustentação, daqueles que, nestes entremeados, nos dão as formas coloridas da tapeçaria, com suas figuras de homens e mulheres, com a paisagem, a flora e a fauna.

A intriga é simples e comum; surge o clássico triângulo: uma mulher e dois homens, um o marido, outro o amante; e a história acaba mal: morte do amante, suicídio da mulher e fuga do marido que, aliás, no fundo, anseia também pela morte nas águas da lagoa.

Neste momento quero dizer que, ainda por outras componentes, tem a estrutura deste romance semelhanças com a de uma tragédia: pela figura importantíssima do velho cauteleiro, «o profissional de novidades», «que gosta de chegar primeiro», «o pregoeiro», o «guia e arauto da aldeia», o «vendedor de sortes», o velho de «um só dente», o «celebrador de maldições» — figura que me parece corresponder ao coro das tragédias gregas, e através da qual vai o narrador descobrindo uma «linha de profecia», de revelações e insinuações, de inquietação; também semelhança com a tragédia pelos destinos bem marcados, sem apelo nem desvio, das personagens executadas; pelo aspecto da figuração caracterológica e típica que assumem outras personagens, como sucede com o mesmo cauteleiro e com a maternal dona da

de atracção para onde convergem também os destinos trágicos das três personagens principais.

Quais as valências simbólicas desta lagoa? Que ela é significante na infra-estrutura económica em que se apoia ou integra o romance, é evidente: há uma questão de velhos direitos senhoriais de pescaria e de caçadas nas suas margens, depois um problema de colectivização desses direitos. A referência a uma estrutura económica-social subdesenvolvida, explícita em toda a ambiência de exterior deste romance, pertence ao «disertar da acção», onde se insere, certamente, uma crítica; mas não constitui, em última análise, parte relevante dessa acção. Tal referência é apenas uma das muitas coordenadas, uma

Poesia e metafísica

em «O DELFIM»

(Continuação da pág. 5)

materno, do regaço da Mãe Natureza, um local de envolvimento, de repouso, de protecção de seres inválidos, desamparados. Além de que, essa *lagoa* assume ainda a valência do feminino em geral, da mulher em sentido erótico.

Tão visível é o simbolismo maternal desta *lagoa* que o narrador nos diz que «os peixes mortos repousam na Verga Grande». Podemos supor que a palavra *verga* contém uma imagem de cesto ou de um berço de vime, isto é, a reminiscência infantil do ser embalado, do estar, em suma, nos braços de uma mãe carinhosa e protectora.

É interessante repararmos que Cardoso Pires utiliza, como aliás fazem muitos ficcionistas, uma onomástica alusiva. Ele próprio, em entrevista dada ao jornal «A Capital», explicava que o termo de Gafeira, escolhido para nomear a terra onde se situa o drama, significa «terra de leprosos», e estes leprosos devem entender-se, evidentemente, como «leprosos do espírito». Creio ter descoberto outros significados ocultos da sua onomástica: o nome de Tomás Manuel da Palma Bravo, conteria, por exemplo, estes sentidos:

Tomás — seria uma síntese de uma série de associações de conceitos e deduções que poderiam resumir-se no surgir temporário deste provérbio no espírito de invenção do romancista: «Bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz».

Manuel — (apenas para dar uma nota de verosimilhança com o real).

Palma — estaria relacionado com a imagem da *lagoa* na sua valência erótica; já vamos ver como.

Bravo — corresponderia a um íntimo movimento de satisfação, de aplauso às façanhas amorosas do Tomás.

E os dois nomes juntos, *Palma* e *Bravo*, seriam ainda um reforço desse aplauso.

Maria das Mercês — seria o repositório das reminiscências dos gratos favores de alguma Maria, ou até o símbolo de todas as Marias conquistadas pelo Tomás.

Veremos, mais adiante, outras interpretações desta onomástica simbólica.

(1) e (2) C. C. Branco: «O retrato de Ricardina».